



O politicamente correcto: uma forma de incluir ou uma nova barreira? 19 de Fevereiro de 2019

Para algumas pessoas, o politicamente correcto é sinónimo de consciência, sensibilidade, respeito, boa educação. Para outras, é uma espécie de polícia da linguagem que, em vez de promover a inclusão e a tolerância, torna indivíduos tolerantes em suspeitos, cria um espaço fértil para a libertação de ódios e novas barreiras no relacionamento entre pessoas. O politicamente correcto é a favor ou contra a liberdade individual? Ou estaremos a perder o foco?

CASTELO BRANCO, Museu Francisco Tavares Proença Júnior

Convidados: Carlos Semedo, Programador; Elsa Ligeiro, Editora Alma Azul; Sérgio Novo, ASTA – Teatro e Outras Artes
Moderador: Manuel Costa Alves, Meteorologista aposentado

ÉVORA, Direcção Regional da Cultura do Alentejo (Rua de Burgos)

Convidados: Elsa Sousa, Directora Técnica Associação 29 de Abril; Helena Rocha, Técnica da Direcção Regional da Cultura do Alentejo; Mariana Mata Passos, Programadora Cultural da Associação Cultural Pó de Vir a Ser
Moderador: Luís Matias, locutor da Rádio DianaFm

FARO, Direcção Regional da Cultura do Algarve (Rua Professor António Pinheiro e Rosa nº 1)

Convidados: Elisabete Martins, Actriz ACTA - Companhia de Teatro do Algarve; Fábio Simão, XIS, associação LGBTI Algarve; Manuel Célio Conceição, Professor da Universidade do Algarve
Moderadora: Adriana Nogueira - Directora Regional de Cultura do Algarve

FUNCHAL, Teatro Municipal Baltazar Dias

Convidados: Maurício Pestana Reis, Porta 33; Natércia Xavier, Gestora Cultural; Paulo Spínola, Opus Gay Madeira; Violante Saramago Matos, bióloga.
Moderadora: Marta Caires, jornalista

LISBOA, Atelier-Museu Júlio Pomar

Convidados: Américo Peças, Pedagogo e Formador; André e. Teodósio, encenador, membro do Teatro Praga; Lara Seixo Rodrigues, Mistaker Maker | Plataforma de Intervenção Artística; Maria José Vitorino, professora e bibliotecária
Moderadora: Maria Vlachou, Gestão e Comunicação Cultural

PORTO, Museu e Igreja da Misericórdia do Porto

Gonçalo Amorim, actor e encenador; João Arezes, divulgação cultural; José Maia, Espaço MIRA
Moderadora: Patrícia Remelgado, Coordenadora do Pporto.pt
Com tradução em Língua Gestual Portuguesa (uma parceria com a Associação Laredo)

VILA NOVA DE FAMALICÃO, Galeria Municipal Ala da Frente

Convidados: António Gonçalves, artista plástico e curador; Regina Bezerra, Educadora Social do Departamento de Acção Social do Município de V. N. Famalicão
Moderadora: Rosa Moreira, Provedora do Aluno da Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão.

RESUMO

O que é o politicamente correcto?

- Politicamente correcto: moralmente correcto ou “polidamente” correcto? Afinal do que falamos, moral ou política?
- Um acto político é um acto de relação com o outro, não podemos fugir a isso. A palavra “correcto” traz a dimensão da empatia, “ter o outro em mim”: quero crescer com o outro, quero encontrar-me com o outro. Há tensão no encontro com o outro, mas nesse encontro há palavra e há conhecimento;
- Desconstrução etimológica da palavra político [correcto]: a) Político = cidadão, ou seja, cada um de nós (cidadãos) temos o dever de coexistir em sociedade. b) A desvalorização da etimologia da palavra: com o passar dos anos as palavras perdem o valor e o sentido e isso reflecte-se a nível cultural, social e familiar;
- A condição das sociedades abertas é o conflito, e isto é bom;
- Pôr-se no lugar do outro: é o mais difícil, mas é essencial;
- A capacidade de ouvir tem a ver com a curiosidade. O nível da curiosidade está baixo;
- A minha liberdade só começa quando encontro a liberdade do outro, esta é uma exigência social;
- Álvaro de Campos foi censurado nos manuais escolares de uma editora de referência por alegadas alusões à pedofilia. Politicamente correcto ou censura?
- É um processo e vamos falhar;
- É não ser frontal;
- É uma questão de Educação (a base), de formação (o papel fundamental da escola) , de bom senso, empatia, consciência, aprendizagem social, civismo;
- Contribui para sociedades mais justas e equilibradas, inclusivas;
- Não é algo novo, antigamente havia o “Parece mal...”
- É uma forma de deturpar a verdade, mascarar uma realidade, impor um modelo aos outros;
- Implica uma promessa de “não ofensa”, de diplomacia em relação ao outro;
- O politicamente correcto distingue-se da censura, combate a estigmatização;
- Habituei-me a entrar em todas as áreas da sociedade em modo de politicamente correcto. Remete para a inclusão e o cuidado com a diferença.
- É do domínio da linguagem. Será politicamente correcto falar em terceiro mundo?
- Um constrangimento para os criadores; Padroniza a forma como nos expressamos; Não se abre à rutura, à descontinuidade, ao novo e inovador;
- Perverte a sinceridade e a verdade da comunicação e perverte as ideias.
- Abre a ditadura do pensar. Tem muitas escalas.
- Promove falsos consensos. Está sempre a empurrar-nos para o poço da norma.
- Fecha a porta àquilo que pode ser.

- Ficamos sem saber ser diferentes.
- Forma jovens sem pensamento estruturado, jovens que não podem pensar fora da caixa, arriscar sonhar e avançar com valores.
- Afunila, não inclui, não deixa aprofundar ideias, não debate. Rejeita o que não pertence ao seu corpo central de ideias e valores;
- Se deitássemos fora o "politicamente correcto", se calhar não perdíamos nada e talvez melhorássemos;
- Preocupação com a castração social e artística de uma forma generalizada; O politicamente correcto impõe limites ao humor e à criatividade, numa lógica de respeito pelo outro;
- A relevância da educação formal e não formal para um desenvolvimento criativo, ajudando a despoletar o interesse e educação para a arte. Não se pode amar o que não se conhece.

As palavras são importantes?

- A língua surgiu para os humanos se cuspirem fora deles. Existe um respeito em relação à língua do príncipe;
- A palavra pode ser percebida ou não; o politicamente correcto serve para denunciar o poder da palavra. Como podemos aprender e trabalhar a desocultação da palavra?
- As palavras são um desafio ao pensamento;
- Escolhemos as palavras com mais ou menos consciência;
- Há o medo de lidar com a palavra;
- Tapar com o discurso a falta de formação/educação. Necessário policiar a linguagem, ter cuidado como falamos, uma questão de respeito;
- A metáfora da linguagem, promoção da desigualdade;
- Estamos a viver em conjunto, temos que cuidar da linguagem. Deve haver intimidade, mas isto não significa necessariamente proximidade, não temos que ter experiência própria para compreendermos;
- A linguagem que usamos é uma forma de inclusão e revela uma preocupação para não ferir o outro;
- Mudar as palavras faz-nos pensar de outra maneira. Olhar para os outros de igual forma;
- Pode-se dizer tudo, mas isto exige a escolha cuidada das palavras;
- Medo da palavra contundente, factual, objectiva; Barreira à liberdade da criação literária; Baixa honestidade intelectual.
- A escrita permite ouvir melhor, para poder falar melhor; a escrita exige tempo. Escreve-se pouco. Somos hoje mais seguidores do que criadores. A palavra exige autoria. O que vemos não é discurso, é verborreia.
- Há linguagens que surgiram por uma questão de sobrevivência.

Poderá ser contraproducente?

- Às vezes há falta de honestidade, perde-se o foco, perde-se a verdade das coisas;
- Nas redes sociais, uma palavra mal escolhida gera reacções exageradas;
- Não devemos calar-nos por causa do politicamente correcto;
- Entre os artigos partilhados pela Acesso Cultura [havia um](#) em que uma pessoa perguntou a quem se queixava de "já não se poder dizer nada" o que é que não se

pode dizer. Chega-se à conclusão que não se trata de uma reclamação contra a censura mas do desconforto de ser criticado pelo que se diz; é falar sem assumir a responsabilidade pelo que se diz, é o medo ou a irritação de ser mal-visto;

- Muitos responsabilizam o politicamente correcto pelo resultado eleitoral no Brasil. O presidente “diz o que pensa” e é admirado por isso; mas quem agride, tem que ser punido;
- Dá trabalho ser culto, ser curioso, procurar conhecer: somos preguiçosos e não queremos ser confrontados com isso;
- É importante haver espaços onde possamos conversar sem medo de partilhar dúvidas, sem medo de sermos atacados ou silenciados por termos usado a palavra errada. Temos que estar sensíveis ao contexto, perceber o que faz uma pessoa usar uma ou outra palavra. Temos que ser capazes de dialogar quando existe um interesse honesto em tentar compreender.